

Uma abordagem arqueoastronómica aos recintos da pré-história recente

(26 de Abril, 18h - Museu Machado de Castro) – **António Carlos Valera**



Nesta comunicação, serão apresentados os fundamentos e resultados de um projecto orientado para a investigação da fundamentação astronómica e cosmogónica de recintos Neolíticos e Calcolíticos de Portugal, a qual tem vindo a ser realizada a partir de plantas mais ou menos integrais de recintos, em grande parte obtidas com recurso à prospecção geofísica.

Este projecto, financiado pela Fundação Calouste Gulbekian e desenvolvido pelo Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) da Era Arqueologia S.A., tem obtido resultados notáveis, tanto ao nível das prospecções geofísicas, como no que respeita às possibilidades interpretativas e problematizantes que as imagens já disponíveis proporcionam.

Questiona-se a tradicional compartimentação entre espaços de natureza profana e outros de natureza sagrada, argumentando em favor de uma visão integrada que enquadra diferentes contextos numa mesma expressão cosmogónica em que a questão astronómica é apenas um elemento a considerar.

Arqueoastronomia, geofísica e recintos de fossos da Pré-História Recente no Sul de Portugal

«As abordagens astronómicas em Arqueologia são quase tão antigas como a disciplina. Desde cedo, sítios como Carnac ou Stonehenge foram entendidos como tendo uma forte vinculação astronómica e, ao longo do desenvolvimento da disciplina, a questão foi sendo trabalhada em diferentes contextos e períodos. No que à Pré-História Recente diz respeito, e no âmbito europeu mais continental e setentrional, para além do Megalitismo “Menhírico”, a arqueoastronomia estendeu-se ao Megalitismo Funerário, focando-se nas orientações dos monumentos, e aos recintos (de fossos e/ou paliçadas), partindo da geometria dos seus designs e orientação das suas entradas (Bradley, 1998, Thomas, 1996).

Portugal importaria estas abordagens, aplicando-as ao Megalitismo, tanto “menhírico” como funerário, revelando as duas últimas décadas uma profusão de estudos nestes âmbitos (Senna-Martinez et al, 1997; Hoskin, 1998; 2001a; 2009; Alvim, 2009; Marciano 2010; Silva, 2010). Contudo, quando ao longo da última década e meia o fenómeno dos recintos de fossos começou a revelar a sua verdadeira expressão no sul do território hoje português, e ao contrário do que se podia observar na Europa Central e do Norte, as abordagens arqueoastronómicas praticamente foram ignoradas. As razões de ser desta situação são de vária ordem, entre as quais destacaria:

a) O facto da abordagem ao fenómeno dos recintos na Península Ibérica não ter adoptado uma perspectiva de larga escala, concebendo-os como um fenómeno de escala continental e com dinâmicas e aspectos transversais ao espaço europeu (crítica que sistematicamente tem vindo a ser desenvolvida pela Universidade de Málaga – Márquez, 2003; Márquez e Jiménez, 2008; 2010);

- b) O facto de as abordagens processualistas e materialistas olharem aprioristicamente para estes contextos como povoados sedentários fortificados, centrando-se em exclusivo numa funcionalidade residencial, económica e sócio-política dos mesmos;
- c) O facto de não existir uma abordagem antropológica da arquitectura e da forma como esta incorpora as cosmovisões de uma época e não simplesmente a estrutura da organização social, económica e política;
- d) A preponderância de uma investigação dirigida ao problema da emergência da desigualdade social, com reflexo em modelos de organização social onde a componente metal, psicológica e cognitiva é totalmente esquecida.

Na Europa Central e do Norte, porém, outras abordagens têm explorado outras soluções interpretativas, mais vinculadas às questões da gestão de identidade e da organização simbólica do mundo. Para versões mais efémeras destes contextos, tem sido desenvolvida uma “dwellig perspective”, que sublinha a importância que nestas construções poderia assumir o acontecimento ou a actividade de as construir e usar. O sentido e as qualidades espaciais emergiriam na sequência da construção, que resultaria numa forma em permanente emergência e o sentido e funcionalidade produzir-se-ia na volatilidade da experiência (Evans, 1988; Seamon, 1994). Outros, valorizando a existência, apesar da diversidade, de um conjunto de recorrências em vastas áreas geográficas, nomeadamente a tendência para a circularidade e para formas concêntricas, sugerem a existência de ideias partilhadas que participam activamente na conformação das arquitecturas e organizações dos territórios e paisagens, que depois se expressariam através de particularismos e de especificidades contextuais (Whittle, 2006). Entre essas abordagens contam-se precisamente as que tomam em consideração os aspectos cosmológicos e astronómicos na organização do espaço e na estruturação arquitectónica: “Circular monuments celebrated the disc-like shape of the cosmos, designed to mimic the topography of local horizons and the movement of the sun and the moon upon them (Bradley 1998). By aligning these monuments on the local encircling landscape and the rise and set positions of the sun and the moon, the builders locked their monuments to their local place. (Sims, 2006: 2)”

Hoje, são vários os exemplos que nos documentam uma inequívoca fundamentação astronómica do design geral e da orientação das entradas de muitos destes recintos. Em Portugal, a preocupação em introduzir questões relacionadas com aspectos astronómicos no inquérito arqueológico relativamente aos recintos foi pela primeira vez desenvolvida por um dos autores (ACV) para o recinto muralhado da Fraga da Pena, Fornos de Algodres, Guarda (Valera, 2007). Aí, estabeleceu-se a relação entre o nascimento do Sol e uma abertura natural (?) existente a meio do Tor granítico, argumentando-se a favor do aproveitamento de um elemento natural no contexto de uma cosmologia enraizada na tradição Neolítica:

“(...) dada a localização do tor e desta passagem, ela encontra-se sensivelmente no alinhamento Este-Oeste, pelo que de manhã, quando os recintos se encontram sob a sombra proporcionada pela formação rochosa, a luz entra pela passagem atingindo uma pequena parte do recinto superior. (...)”

A própria situação de alinhamento Este – Oeste da passagem central existente na Fraga e a articulação que se estabelece com o nascimento do sol, fazem lembrar antigos princípios das arquitecturas de tradição neolítica, em que a orientação relativamente a Nascente se assume frequentemente como uma prescrição estruturante. Poderemos ver, também aqui, alguma continuidade relativamente a uma tradição de origem megalítica”. (Valera, 2007: 455-456).

No que respeita aos recintos de fossos, esta abordagem seria pela primeira vez aplicada no Complexo arqueológico dos Perdigões, levando em conta a implantação e topografia do sítio (anfiteatro

aberto a Este), a localização espacial do cromeleque e da zona de necrópole megalítica e a orientação das portas SE e SW dos recintos exteriores, aparentemente orientadas aos solstícios de Verão e Inverno (Valera, 2008a), argumentando-se que, com base nessa localização e estruturação, toda a arquitectura do sítio estaria imbuída de cosmologia.

Nos últimos anos, o aumento exponencial de recintos de fossos conhecidos no Sul de Portugal (Fig. 2) e a diversidade de situações que pode ser observada, viriam reforçar a convicção da necessidade de iniciar um projecto de investigação especificamente orientado para a problemática da fundamentação astronómica e cosmológica da arquitectura e da integração paisagística de muitos destes contextos. Projecto elaborado e apresentado à Fundação Calouste Gulbenkian em 2010, que o financiou por dois anos.»

In Valera, A. Carlos e Becker, Helmut (no prelo), “Arqueoastronomia, geofísica e recintos de fossos da Pré-História Recente no Sul de Portugal”, Xelb. Actas do 8º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, C.M.S.

Bibliografia recomendada:

ALVIM, Pedro (2009), Recintos megalíticos do Ocidente do Alentejo Central. Arquitectura e paisagem na transição Mesolítico / Neolítico, Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora, Polícopiado

BRADLEY, R.J., (1998), The Significance of Monuments. London, Routledge.

CERDEÑO Serrano, M^a Luisa e RODRÍGUEZ CADEROT, G. Eds. (2009a), Arqueoastronomía, Complutum, Vol. 20, N^o2, UCM.

CERDEÑO Serrano, M^a Luisa e RODRÍGUEZ CADEROT, G.. (2009b), “Arqueoastronomía: una nueva perspectiva en la investigación arqueológica”, (Cerdeño Serrano, M^a Luisa e Rodríguez Caderot, G. Eds), Arqueoastronomía, Complutum, Vol. 20, N^o2, UCM, p.11-21.

ESTEBAN, C. (2009), “La astronomía cultural, es interdisciplinar ? Reflexiones de un astrofísico”, (Cerdeño Serrano, M^a Luisa e Rodríguez Caderot, G. Eds), Arqueoastronomía, Complutum, Vol. 20, N^o2, UCM, p.69-77.

GARCÍA QUINTELA, M.V. e GONZÁLEZ GARCÍA, A.C. (2009), “Arqueoastronomía, antropología y paisaje”, (Cerdeño Serrano, M^a Luisa e Rodríguez Caderot, G. Eds), Arqueoastronomía, Complutum, Vol. 20, N^o2, UCM, p.39-54.

HELMS, Mary W. (2004), “Tangible materiality and cosmological others in the development of sedentism”, (E. DeMarrais; C. Gosden & C. Renfrew eds.), Rethinking materiality. The engagement of mind with the material world, Cambridge, McDonald Institute for Archaeological Research, p. 117-127.

HILL, James D., (1994), “Prehistoric cognition and the science of archaeology”, (Colin Renfrew e Ezra Zubrow, eds.) The ancient mind. Elements of cognitive archaeology, New Directions in Archaeology, Cambridge, CUP, p.83-92.

HOSKIN, M. Ed. (1999), The Cambridge Concise History of Astronomy, Cambridge, CUP.

HOSKIN, Michael et al. (1998), “Studies in Iberian Archaeoastronomy: (5) Orientations of Megalithic Tombs of Northern and Western Iberia.” Journal for the History of Astronomy, 29, p. 39-88.

HOSKIN, M. et al. (2001a), “Studies of Iberian aschaeoastronomy: (8) Orientations of megalithic and tholos tombs of Portugal and southwest Spain”, Journal for the History of Astronomy, 32, p.45-64.

HOSKIN, Michael (2009), “Orientations of dolmens of Western Europe”, (Cerdeño Serrano, M^a Luisa e Rodríguez Caderot, G. Eds), Arqueoastronomía, Complutum, Vol. 20, N^o2, UCM, p.165-175.

LEFEVRE, Henri (1991), The production of Space, Oxford, Blackwell.

MARCIANO, Cândido (2010), “Sobre o possível significado astronómico do cromelch dos Almendres”, <http://www.crookscape.org/textjul2005/text03.html>

VALERA, António Carlos (2008a), “Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente”, ERA Arqueologia, 8, Lisboa, Era Arqueologia/Colibri, p.112-127.

VALERA, António Carlos e BECKER, Helmut (2011), “Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xanra (Cuba, Beja)”, Apontamentos de Arqueologia e Património, 7, Lisboa, NIA-ERA, p.23-32.